

RESENHA

O GRITO AMARELO

SIQUEIRA, Joelma Santana¹

Resenha do livro *O grito amarelo*, de José Vecchi de Carvalho. 1ª ed. Itajaí: Ipêamarelo, 2024.

O grito amarelo (2024) é o quinto livro do escritor José Vecchi de Carvalho, nascido em Cataguazes, Minas Gerais, em dezembro de 1959. A obra contém catorze contos que se destacam pela linguagem enxuta, envolvendo episódios da infância, abordados de modo a possibilitar a aproximação do leitor dos dramas e sentimentos que mexeram profundamente com a vida dos narradores-personagem. O conto que abre o volume, “O beijo”, é um bom exemplo, pois aborda as inquietações que, quando criança, a narradora experimentou depois de ter recebido o pedido do primeiro beijo por parte de um colega da escola que, por fim, mudou-se da cidade sem o beijo: “Fiquei o dia todo remoendo o choque que percorreu meu corpo. Minhas pernas trêmulas, a gagueira do Davi, seus olhos espremidos, seu rosto tenso” (CARVALHO, 2024, p.17).

O segundo conto, intitulado “Meu pai xingava comunista”, traz outros exemplos de inquietações experimentadas na infância, como a incompreensão do jovem sobre o mal humor do pai e a falta de respostas em casa para seus questionamentos, revividas sob o olhar compreensivo do filho agora adulto.

Todos os contos são narrados em primeira pessoa e apresentam em comum a metalinguagem, revelando marcas do processo de escrita, às vezes, de modo sutil, outras vezes,

¹ Joelma Santana Siqueira. Docente de literatura brasileira da Universidade Federal de Viçosa. Bolsista produtividade em pesquisa do CNPq. Endereço eletrônico: jandraus@ufv.br

de modo enfático, como no conto “Clichês”, que começa com passagens de um trabalho escolar, duramente criticado pelo irmão do narrador, que alerta: “cuidado com os clichês”.

A respeito da metalinguagem presente nos contos, importa observar que são narradores que gostam de livros e, frequentemente, estão escrevendo. Além de várias referências a livros, leitura e escrita, abrindo a narrativa para o leitor, que, atento, perceberá pistas sobre o processo de composição dos contos, em alguns, a metalinguagem está presente desde o título: “Clichês”, “A vingança da personagem”, “O homem que comia livros” e “Vírgulas”.

A leitura dos contos pela perspectiva da metalinguagem possibilita pensar que as narrativas são como exercícios ficcionais de narradores-personagem que elegem a passagem da infância para a adolescência - especialmente os conflitos experimentados nesta fase –como matéria a ser trabalhada de modo a promover a aproximação do leitor. A percepção das narrativas como exercícios ficcionais é mais fácil em alguns contos, como “Variações da dor”, sobre aspectos da vida conjugal dos pais de uma narradora que finaliza o conto apontando para o exercício da escrita, interessada em encontrar uma palavra que defina o comportamento da mãe em relação ao marido que a traiu:

Vou me esforçando aqui, exercitando aqui como se pensasse numa charada, uma coisa que sinto e não sei dizer o que é. Só sei que gosto dessa dor da minha mãe, a dor que aprendi com ela e com a dona Penha, minha professora, a dor dos outros. A Compaixão, Pronto, estalou! (CARVALHO, 2024, p.54)

Outro exemplo pode ser observado no conto “Vírgulas”, cujo primeiro parágrafo é o texto de um professor sobre a redação de um aluno, transcrita no restante do conto. A redação/conto, iniciada com várias vírgulas e sobre o uso da vírgula, não possui pontuação e, ao final, é assinada por “Gil – Fundamental II – 8^o ano – Turma 3”.

Em cada conto, a escolha por uma narradora ou um narrador em primeira pessoa, contribui para aproximar o leitor da matéria revivida, como dito antes, mas isso não implica em ausência de distanciamento crítico, pois, em alguns contos, é possível observar mais explicitamente a presença do adulto que olha para o passado com um olhar distanciado e um pensamento reflexivo, como acontece em “O beijo”, no qual a narradora recorre ao conto “O corvo”, de Edgar Allan Poe, que ela leu por influência de seu pai, para expressar-se sobre sua frustração:

Desde então tenho buscado um remédio, quem sabe um elixir mágico que dissipe o exagerado fel em minha boca, causado pelo tenebroso corvo que me acompanhava com o seu agourento estribilho (CARVALHO, 2024, p.19).

Esse aspecto está presente no conto “Choro interdito” desde o início da narrativa. O narrador não conta especificamente sobre sua infância, mas sim sobre a infância de Betina, colega da escola, que foi levada à prostituição pela própria mãe, descrita pelo narrador como máquina, e não como ser humano: “Ao perceber o desgaste de suas peças, sem possibilidade de reposição ou reparo, tratou de treinar a filha para sucedê-la na profissão e no amparo financeiro da casa” (CARVALHO, 2024, p.121).

Esses narradores carregam consigo fatos chocantes de suas infâncias, e o conto que dá título à obra é um bom exemplo, pois o narrador, quando criança, viu o amigo Cicinho ser atropelado, e agora, adulto, logo após de ter visto meninos brincado de bola na rua e escutado um barulho de uma pancada ou estouro, revive a cena da morte do amigo instantaneamente: “Em minha cabeça, insistia a nítida imagem de um dos meninos estirado no asfalto quente...” (CARVALHO, 2024, p.101).

A importância da leitura para esses narradores é outro aspecto digno de nota. No conto “O beijo”, a jovem que gostava de dicionários, leu o poema “O corvo”, que passou a acompanhá-la. No conto “Meu pai xingava comunista”, foi fora de casa e, inclusive, nos livros, que o narrador buscou respostas para seus questionamentos. E, no conto “Nosferatu de pedra”, o jovem menino, sem contar com a atenção dos pais e do irmão mais velho, refugia-se nos velhos livros do falecido avô para dar asas a sua fértil imaginação.

O grito amarelo vem se juntar à obra de outros escritores da literatura brasileira que também se dedicaram à abordagem da infância e seus temas correlatos, como medos, família, desejos, frustrações, ansiedades, tarefas escolares, solidão etc., destacando-se por abordá-los por uma perspectiva interna em que os narradores contam com personagens poderosos que podem até mesmo se rebelarem, como fez a personagem de 15 anos no conto “A vingança da personagem”. A menina conta que ela é personagem de um velho escritor, que acaba sendo apagado por ela “como uma brasa que vai perdendo o lume”.